

# OS LUTOS NÃO ELABORADOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

GRIEVING NOT ELABORATED IN THE CONTEXT OF THE PANDEMIC

Gizamara Aparecida da Silva Cruz<sup>1</sup>

Natália Gabriel Dalpubel<sup>2</sup>

Victória Rodrigues<sup>3</sup>

Cleina Roberta Biagi<sup>4</sup>

CRUZ, G. A. da S.; DALPUBEL, N. G.; RODRIGUES, V.; BIAGI, C. R. Os lutos não elaborados no contexto da pandemia. *Akrópolis*, Umuarama, v. 30, n. 1, p. 3-16, jan./jun. 2022.

Doi: [10.25110/akropolis.v30i1.8688](https://doi.org/10.25110/akropolis.v30i1.8688)

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia, UNIPAR – Universidade Paranaense, campus Cascavel – PR. Rua Padre Ricardo, 1443 – Coqueiral, Cascavel - PR, 85.807.070. Telefone: 45 99807-0375. E-mail: gizamara.silva@edu.unipar.br

<sup>2</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia, UNIPAR – Universidade Paranaense, campus Cascavel – PR. Rua Sibipiruna, 109 - Bela Vista – Palotina - 85.950-000. Telefone: 44 99938-1072. E-mail: natalia.dalpubel@edu.unipar.br

<sup>3</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia, UNIPAR – Universidade Paranaense, campus Cascavel – PR. Rua Prudente de Moraes, 335 Parque São Paulo – Cascavel – 85.803-680 Telefone: 45 99843-1846. E-mail: victoria.rodrigues@edu.unipar.br

<sup>4</sup> Orientadora do 4º ano do curso de Psicologia, UNIPAR – Universidade Paranaense, campus Cascavel – PR. Rua Rui Barbosa, 611 - Jardim Cristal, Cascavel - PR, 85810-240. Telefone: 3321-1300. E-mail: cleina@prof.unipar.br

**RESUMO:** Na atualidade, a morte e o morrer são assuntos que se tornaram tabu, mas, sabendo que tal fenômeno não é uma vivência opcional, tudo que ela evoca e traz consigo também não é. Sendo assim, as discussões tornam-se pertinentes para uma melhor compreensão dos sentimentos que são despertados diante das perdas. A Pandemia da COVID-19, que vem assolando o mundo, acabou por evidenciar o fenômeno da finitude, impedindo que neguemos ou reflitamos sobre. A discussão acerca da importância de uma educação para a morte, bem como os ritos e rituais são importantes para o processo da perda e ajudam na reorganização da vida, após a partida, de modo que podem auxiliar a ampliação de métodos a um melhor atendimento clínico quando os afetados vierem buscar auxílio. Para a obtenção dos dados, optou-se pelo uso da metodologia de pesquisa bibliográfica em: livros, artigos, revistas científicas que abordam os temas sobre a morte, o morrer, o luto e seus facilitadores dentro do pensamento da Psicologia Existencial e sua importância na ajuda de uma organização psíquica e emocional diante de uma perda, bem como na dificuldade de sua elaboração. Sabe-se que a falta do ente ocasiona uma desordem, que faz com que o indivíduo que a sofreu entre em profunda angústia, tristeza e sofrimento, passando por um processo de aflição, até que consiga reestruturar sua vida sem a pessoa de seu afeto. Mas, quando o luto é complicado, ou seja, quando encontra alguns dificultadores, como não vivenciar os ritos, pode resultar em um diagnóstico patológico. Dessa forma, a Psicologia tem um papel imprescindível junto às pessoas que sofrem, no trabalho de recomposição e superação diante das perdas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia-Existencial; Luto; Ritos; Pandemia.

**Abstract:** Nowadays, death and dying are subjects considered taboos but knowing that such phenomenon and everything between it are not optional, to discussion about it are relevants to a better comprehension of the feelings that emerges through the losses. The COVID-19 pandemic that tragically hits the world brought to light the finitude of this phenomenon, preventing us from denying or reflect about it. The discussion about the matter of a education about death and how rites and ritual are important to the loss process and helps to reorganisation of life after a loss can help to expand methods for better clinical care when those affected come to seek help . To obtain the data, we chose to use bibliographic research in books, articles, scientific journals that

Recebido em Novembro de 2021  
Aceito em Junho de 2022

address the themes of death, dying, mourning and its facilitators within the thinking of Existential Psychology and its importance in helping an organization psychic and emotional in the face of a loss and in the difficulty of its elaboration. Knowing that the absence of a loved one brings with it a disorder that makes the individual who suffered it go into deep anguish, sadness and suffering, going through a process of affliction, until they manage to restructure their life without the person they care about. But when mourning is complicated, that is, it encounters some difficulties, such as not experiencing the rites, which can result in a pathological diagnosis. In this way, Psychology has an essential role, together with people who suffer, in the work of recomposing and overcoming losses.

**KEYWORDS:** Psychology Existential; Grief; Rites; Pandemic.

## INTRODUÇÃO

A morte é um fato inquestionável, que acompanha o homem desde o momento de seu nascimento. A morte sempre causou angústia e sofrimento desde os tempos mais remotos até a atualidade. O homem primitivo e o homem moderno sentem o mundo de forma subjetiva e o que mais os diferencia é o modo com o qual encaram os fenômenos vivenciados dentro dos seus respectivos contextos históricos, culturais, religiosos e sociais. A morte sempre foi algo muito presente e significativo na vida doméstica e os ritos estabelecidos dentro de cada cultura sempre foram formas de enfrentar toda a dor e sofrimento diante de uma perda.

Atualmente, encontramos uma sociedade cada dia mais desligada de suas raízes históricas e antropológicas, que buscavam vivenciar a morte não como um fim, mas como uma etapa da vida. Hoje, muito mais preocupados em produzir e consumir, acabam perdendo o hábito de refletir sobre a morte; relegam e terceirizam todo e qualquer assunto, desde a consciência da morte ao funeral, da vivência do luto à importância dos ritos.

Tanto a educação para morte quanto o fato em si, do enlutamento ao simbolismo dos ritos fazem parte da vivência humana, e podem ajudar a diminuir a ansiedade, possibilitando ao homem passar pelas situações conflituosas de maneira equilibrada, mesmo as mais complicadas, como a morte. Porém, diante do atual contexto, no qual a humanidade se encontra consternada perante uma doença altamente letal e contágios em que a morte não sai dos noticiários, tornando-se ainda mais real

e presente nas famílias, como se não bastasse toda dor e sofrimento pela morte, ainda há o fato de que os ritos de despedida foram impedidos, dificultando a elaboração das perdas.

Diante do exposto, faz-se necessária uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto morte, morrer e temas relacionados - objetivo desta revisão bibliográfica - sabendo que a perda evoca dor, sofrimento e angústia ao homem e que a reflexão consciente, a vivência do processo do luto, rituais de passagem podem, de alguma forma, facilitar a elaboração da perda. Dessa forma, sabe-se que o homem passa por um processo de readaptação e que, para bem transpor esse momento, conta com auxílio de facilitadores, de maneira que os ritos são um meio de atenuar a dor. Diante disso, fica o questionamento: como a ausência de tais processos pode afetar a saúde mental das pessoas que passaram pela perda no contexto da Pandemia?

Dessa forma, o trabalho se dará a partir da metodologia de pesquisa com base na abordagem qualitativa mediante pesquisa bibliográfica em: livros, dissertações e artigos científicos. Considerou-se a visão da psicologia fenomenológica existencial e da tanatologia e, de forma multidisciplinar, a título de fundamentação teórica e conhecimento, buscou demonstrar a relevância do tema na atualidade.

Visto que toda perda, seja ela real ou simbólica, causa sofrimento e gera angústia, de maneira que, em alguns casos, ultrapassa a dor do luto, transformando-se em uma patologia, entende-se que a psicologia tem muito a contribuir para acolhimento das pessoas que buscam apoio para enfrentar o sofrimento causado pelas vivências no período da Pandemia da Covid-19. Isso pode ajudar a ressignificar a dor, muitas vezes ampliada pela ausência dos ritos.

## A MORTE ENQUANTO FENÔMENO UNIVERSAL

A morte sempre esteve presente na vida do homem, seja como presença real ou no imaginário, pelo medo do desconhecido, nas canções e poemas expressados no talento dos artistas, na certeza e/ou na negação da sua chegada, explicada nas religiões ou questionada na filosofia; sobrenatural para os místicos, fato para a fenomenologia; começo para alguns e fim para outros. Ou seja, a morte é um acontecimento que rouba a cena desde os primórdios da humanidade, independentemente da forma como é vista, entendida, compreendida

ou experienciada.

A sua ocorrência é documentada desde os proêmios da existência humana. Baseado nos dados fornecidos pela arqueologia, etnologia e pela história, pode-se comprovar que, desde os tempos mais remotos, há evidências de ritos fúnebres e sepulturas. Isso pela crença do homem primitivo em uma vida pós-morte, que era uma forma de dar sentido àquela vida ou mesmo amenizar a dor da perda (ELIADE, 2010).

Os seres humanos têm em sua constituição natural a morte como certeza. Sua finitude é inerente à sua existência; o homem começa a morrer no mesmo instante em que inicia a vida. E a consciência dessa finitude é reservada somente aos seres humanos, assim como a angústia de conviver com tal conhecimento.

Se, com efeito, o sentido de nossa vida converte-se na expectativa da morte, esta, ao sobrevir, nada mais pode senão colocar sua marca sobre a vida. [...] Infelizmente, são conselhos mais fáceis de dar do que seguir, não por causa de sua fragilidade natural da realidade humana ou de um projeto originário de inautenticidade, mas sim por causa da própria morte. Com efeito, pode se esperar a morte em particular, mas não a própria morte. (SARTRE, 1943, p. 391)

Sendo assim, para suportar a agonia dessa certeza, o homem desenvolve no decurso da história formas de explicar o porquê da morte e maneiras de aplacar a dor pelas perdas ao longo da vida. Isso porque a morte não nos é apresentada com um cartão de visitas, a qual nos mostra suas intenções de quando, onde e como irá adentrar na vida de cada indivíduo. Ela é uma possibilidade de um evento, que irá furtar todas as alternativas de continuar vir-a-ser. Dessa forma:

Se, por exemplo, espero uma ordem de mobilização militar para a guerra, posso considerar próxima a minha morte, ou seja, admitir que as chances de morte próxima aumentaram consideravelmente (SARTRE, 1943, p. 393).

Mas, se, ao mesmo tempo:

É possível que justamente uma conferência

internacional esteja sucedendo em segredo neste mesmo momento e tenha encontrado um meio de prolongar a paz. Deste modo, não posso dizer que o minuto que passas esteja me aproximando da morte. (SARTRE, 1943, p. 393).

Independentemente de a morte vir nesse exato momento ou daqui a muitos anos, Sartre acredita que a morte: “Enquanto futuro, com efeito, o porvir é pré-esboço de um presente que será.” (1943, p. 393). Como escreve o Poeta brasileiro, Fernando Pessoa, o homem é um “cadáver adiado” (2006, p. 148). E, mesmo que essa consciência seja algo específico do ser humano, a morte não tem sido tema com o qual o homem tenha se ocupado na atualidade.

Segundo Tuy (2009 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017), o fato de o homem ter consciência sobre sua própria existência pode despertar inquietações e questionamentos nos seres humanos, pois buscam compreender tal fenômeno, a fim de lhe retribuir um sentido. Dessa forma, fica nítido o paradoxo entre a existência e a morte, a qual desperta sentimentos de medo e insegurança, pois se trata de algo que não se conhece e está ligado a não-existência.

A vida e a morte estão relacionadas, visto que a possibilidade de morrer sempre está acompanhando os indivíduos, mesmo que de forma sorrateira, quase imperceptível; ela está sob a superfície da consciência humana. Sendo assim, o homem vive a todo o momento com a chance de vir a óbito, e, por mais que ele tenha conhecimento de sua finitude, não possui informações sobre como e quando o encontro com o fim ocorrerá (YALOM, 2008 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

Esse encontro irremediável pode ter diferentes significados, dependendo das crenças e perspectivas de cada indivíduo, e de seu desenvolvimento histórico, social e cultural. Segundo Forghieri (2012, p. 42 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017), “A morte faz parte de nossa vida, apenas no modo como nos relacionamos com as ideias de ser ela o nosso derradeiro fim, e é apenas incluindo-a em nossas reflexões que teremos condições de encontrar o verdadeiro sentido de nossa existência”. Sendo assim, a forma individual e particular como cada ser crê que virá a falecer, e sua vida pós-morte, está relacionada direta ou indiretamente com a maneira com que vive sua existência (SOUZA, 2010 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

De acordo com Tuy (2009 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017), segundo as ideias de Sartre, ter consciência da morte impulsiona as pessoas a buscar diferentes vivências, fazer escolhas, e se dispor a viver de forma intensa, segundo o que deseja. Reconhecer a finitude da vida acarreta criar propósitos para ela, pois as pessoas vivas não possuem informações certas sobre a morte, e cada indivíduo possui suas crenças sobre isso.

Todavia, não se deve falar da morte de forma isolada, à parte, pois a morte está ligada à vida, já que, sem vida, não existe a morte. Partindo disso, considera-se que a vida está diretamente envolvida com a existência, a qual está ligada às angústias e às alegrias (SIMAN; RAUCH, 2017).

Angerami-Camon (1984 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017), afirma que a existência do homem deve ser entendida de maneira ampla e completa, já que não se pode definir a compreensão do homem apenas por seus limites corpóreos. O homem existe no mundo, e faz sua vida transcender por meio das possibilidades de realização; ele escolhe seu projeto de vida, e idealiza caminhos existenciais que não devem ser relacionadas a outro meio de existência, que não seja a humana. Essa afirmação mostra a situação de ser-no-mundo como sendo a plena existência da realização que a condição humana oferta.

De acordo com Sartre, “A existência precede a essência” (1943, np). O conceito de existência certifica que nada antecede a existência do ser humano, de maneira que não há finalidade pronta que justifique a natureza e o destino dos indivíduos (FREITAS, 2005 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017). Segundo Sartre (2007), o ser humano existe no mundo, e sua essência será desenvolvida partindo de tudo que ele fizer e quiser dele mesmo, sendo um ser livre no mundo em que está inserido. Portanto afirmar que a existência precede a essência quer dizer que o homem, primeiramente, existe e se descobre no mundo e, depois, vem a se definir. A essência não precede a existência, pois é somente existindo que o ser conhece sua essência, que se constrói ao longo da vida.

Os existencialistas não concordam com a forma de vida que segue orientações tradicionais e comuns, que acreditam que a vida plena é encontrar a tranquilidade e a alegria, sem nenhum sofrimento. Não é possível haver uma vida desprovida de sofrimentos e os sofrimentos não devem ser vistos separados da condição humana (ANGERAMI-CAMON, 1985 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

Segundo Tuy (2009 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017), os sofrimentos ajudam a compreender a existência. Sendo assim, levar em consideração as angústias e os sofrimentos, a morte e o morrer, é de extrema importância para o Existencialismo.

De acordo com Castro (2020), para Kierkegaard, filósofo existencialista, a angústia é capaz de nos fazer entrar em contato com a realidade de forma antecipada, característica não encontrada nos animais. Portanto, a morte, como certeza da realidade humana, e a consciência do homem, enquanto sujeito de tal inexistência, se vê na eminência de um fim, de um nada, sentindo o medo, a dor, a angústia de não mais ser. Assim, passa a vida buscando formas de mitigar a ideia da morte.

De acordo com Werle (2003), Heidegger também apresenta essa ideia da morte como possibilidade do não-ser, o fim da existência. Mas, para Heidegger, só terá uma conotação ruim se for entendida de maneira grosseira, desprendida da realidade humana, uma vez que a morte é um fenômeno pertinente à existência e não seu fim. É um acontecimento paradoxal, já que o homem nunca irá viver a própria morte, apesar de acontecer única e exclusivamente com ele, pois, quando a morte for, é porque o homem já não é mais. Dessa maneira, só se pode entrar em contato com os efeitos da morte do outro, e, de forma indireta, essa interação possibilita uma tomada de consciência de um ser-para-morte; conseqüentemente, o homem coloca-se diante do seu próprio ser assumindo sua existência.

Então, por não ser um ponto facultativo na existência humana, a reflexão sobre a morte e o morrer deveriam estar presentes nos sistemas educacionais, nas discussões familiares, nas rodas de conversa em uma educação para a morte e não como um assunto a ser sussurrado durante um ritual fúnebre ou desdenhosamente a partir da banalização veiculadas pela mídia, de forma escancarada e sem nenhuma empatia, como se vê diariamente. Isso porque, quando não se reflete sobre a morte, paga-se com a vida, como aponta Hennezel e Leloup:

O mundo que nos rodeia não nos ensina a morrer. Tudo é feito para esconder a morte, para incitar-nos a viver sem pensar nela, em termos de um projeto, como se estivéssemos voltados a objetivos a serem alcançados e apoiados em valores de

efetividade. Tampouco nos ensina a viver. (2012, p. 17).

A partir do inerente contato com o fim da vida, o ser humano percebeu a necessidade de dirigir certa atenção a esse acontecimento; dessa forma, por meio das crenças e dos ritos de passagem, foram buscadas formas de a morte não ser encarada de maneira fria e indiferente. Portanto, é por esse motivo que existem, em variadas sociedades, diferentes ritos diante da morte, como funerais, missas de sétimo dia, missas de corpo presente, entre outros (GIACOIA JÚNIOR, 2014 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

No século XIV, o mundo enfrentava a epidemia da peste negra, em que a angústia e o medo do fim dominavam a sociedade. Nessa época, a medicina não era muito avançada, e os rituais religiosos não surtiam muitos efeitos; assim, várias pessoas viam a morte como inevitável, precoce e uma forma de castigo. Sendo assim, é notável que, no passado, os meios de se evitar a morte eram escassos, de maneira que era uma certeza que todos os indivíduos reconheciam, porém, nenhum desejava para si (CHIATTONE, 2001 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017). Já nos séculos XV e XVIII, o fim da vida era encarado de uma maneira mais natural, não sendo vista como um tabu, mas um fato que gerava dor e sofrimento. Os cemitérios localizavam-se em regiões centrais das cidades; a morte era falada e vivenciada dentro dos lares (MORIN, 1970 *apud* SILVA, 2007).

Segundo Yalom (2008 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017), na Europa Ocidental, era de costume visitar os túmulos dos entes falecidos e, na crença cristã, havia a promessa de uma vida eterna, para a qual o clero possuía as chaves para a entrada e a saída da vida. Essa visão sobre as crenças influenciava os indivíduos a seguirem e se apegarem às ideias religiosas, na esperança de imortalizarem sua existência. Dessa forma, é possível identificar que a morte começou a ser vista de maneira diferente, visto que existe a valorização do falecido, e o respeito pelo propósito de vida (CHIATTONE, 2001 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

Nos tempos antigos, o homem vivenciava o fim sem muitos medos e possuía consciência sobre ele mesmo, não sabendo quando poderia vir a acontecer. Entretanto, hoje em dia, a finitude da vida pertence ao silêncio, e é como se, perante a isso, ela fosse negada. As pessoas tentam manter a ideia de que a morte existe e pode ocorrer a qualquer momento o mais longe possível da

consciência, pois é um fato que determina o fim da existência e gera angústias (CHIATTONE, 2001 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

Segundo Chiattonne (2001 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017), a morte, na sociedade atual, não se refere somente à finitude do corpo físico do homem, mas também ao término do ser social, que se encontra no eu-físico. Por isso, possuir consciência sobre o próprio fim, influencia as pessoas a terem vivências relacionadas ao fato de que um dia irão partir desse mundo, de forma que levarão somente suas experiências, projetos e realizações; assim, existe a reflexão de que cada momento tem que ser vivido da melhor forma, pois a vida é finita.

Mas, para Chagas:

Apesar da certeza da morte e da constatação da mesma a todo instante na vida, tanto dos seres humanos como dos animais em geral, esta certeza, ao invés de funcionar como estímulo à reflexão sobre este fenômeno, funciona justamente ao contrário, aumentando cada vez mais o medo, a ansiedade e o terror, factores estes despoletadores de mudanças comportamentais nas pessoas, o que influi sobremaneira na sua forma de ser e agir socialmente. (2011, p. 35)

Quando a morte se faz presente de maneira abrupta, seja por um acidente ou um diagnóstico de uma doença terminal, o homem tende a se desesperar buscando entender o que houve, esquivando-se da realidade. Assim, procura absorver uma situação extremamente desestabilizadora de forma racional, quando, na verdade, as questões racionais sobre a morte deveriam ser introduzidas ao longo da vida, para que a notícia não caia como uma bomba devastando o emocional, como evidencia Kübler-Ross:

(...) Creio que deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer, de vez em quando, antes que tenhamos de nos defrontar com eles na vida. Se não fizermos assim o diagnóstico de câncer, no seio da família, irá nos lembrar brutalmente de nosso próprio fim. (1996, p. 41).

Quando se é impedido de refletir sobre a morte e o morrer, a vida também é negligenciada. Isso porque é a ideia do fim que permite ao homem direcionar sua vida, buscar sentido, fazer

e estar presente junto àqueles que amam. Diante disso, em algum momento, ela se fará presente e aquilo que ele tinha como concreto irá se desfazer diante dele, demonstrando sua impotência diante da morte. Principalmente, isso se concretiza se o indivíduo não consegue reconhecer os sentimentos e emoções, que se desalinham na emergência de tal fenômeno. Assim, o processo do luto ajuda na ordenação e superação em relação à perda.

Diante de tal impotência, o homem precisou inventar formas de se relacionar com a certeza da morte, do morrer e da angústia que as perdas trazem. Assim, os mitos, ritos e símbolos foram adotados como meio de contornar o horror que causa a indubitabilidade da finitude humana.

O mito é formado por um vocabulário simbólico, o qual, em sua maioria, tende a responder questionamentos existenciais inqueridos pelo homem no decorrer de sua vida. Portanto, o mito tem a função de trazer à baila questões existenciais que, por sua vez, delimitam culturas e, por fazerem parte de uma sociedade, acabam por construir o perfil de um grupo (CROATTO, 2001). A atribuição do mito não é a de dar respostas, mas sim de permitir a reflexão sobre assuntos, viabilizando as discussões de forma criativa em relação às adversidades do cotidiano (FÄRBER, 2016). Já os ritos, ajudam na aceitação da mudança e a sua realização confirma publicamente o que ele já experimentou no seu íntimo (HOCK, 2010).

A insegurança e o desconforto, causados pelo desconhecido, fazem com que o homem e todo seu imaginário desenvolvam teorias, criem repertórios na tentativa de manter-se preparado para uma realidade demasiadamente dura, como a morte. (FÄRBER, 2016). Observando a atualidade, percebe-se uma geração voltada para si, sustentada por uma sociedade fragmentada que promove e instiga um regime de Ego absoluto, causando, assim, um abandono de sua identidade, de suas raízes antropológicas, os quais, com base em mitos, ritos e símbolos, davam sentido à vida e, assim, conseguiam enfrentar suas perdas e atenuar os sofrimentos (LIPOVETSKY, 2005). Portanto, segue-se negando certezas e evitando reflexões, mesmo em espaços onde o cotidiano é enfrentar situações referentes a perdas, como nos apresenta Hennezel e Leloup:

Como todo o mundo, sofrem com esse menosprezo pelas questões relativas à morte. Cresceram em uma sociedade na

qual já não se fala desse assunto. Como acontece com todos nós, eles sentem a ausência de sentido que é o resultado do afastamento das grandes tradições que nos preparavam para a morte e nos ajudavam a decifrar o sentido de nossas existências. Por imposição da laicidade, a maioria dos lugares públicos a serviço dos seres humanos – entre outros, a escola e o hospital – são espaços onde quase nunca são abordadas as questões essenciais, as questões relativas à morte e ao sentido da vida. (2012, p. 15).

Quando a reflexão sobre a morte é excluída dos meios sociais, exclui-se também todo e qualquer tema relacionado, impedindo que os indivíduos e grupos possam compreender a importância de vivenciar de forma intensa e real cada sentimento que a morte e o morrer evocam. Maranhão (1985) destaca que, na atualidade, não se experimenta mais a morte como no passado, a qual fazia parte da vida doméstica, de forma que os ritos e rituais davam sentido à vida e à morte. Permite, então, tanto aos familiares quanto aos morrentes passar por essa situação tão difícil e conflituosa de forma equilibrada (MARANHÃO, 1985).

O rito é algo que permeia a história humana desde a pré-história; registros arqueológicos nos mostram essas práticas rituais fúnebres, evidenciando a atenção que o homem foi desenvolvendo em relação à finitude humana, o que também mostrava o cuidado ritualizado com os seus entes queridos (LEAKEY, 1997).

Segundo Rivière:

(...) os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas, baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito (1997, p. 30).

Os ritos nem sempre são os mesmos ou executados da mesma forma, pois sua subjetividade

aparecerá por meio da cultura, localidade geográfica, tempo histórico e particularidades em geral. Algumas divisões são apresentadas dentro de uma tipificação: ritos apotropaicos; ritos de eliminação; ritos de purificação; ritos de passagem. Assim, os ritos e rituais têm a função social de ordenar e dar sentido, visto que condicionam ou reforçam o fenômeno. Podem ter funções diferentes, características das experiências vividas, respeitando a subjetividade de quem experiencia o acontecimento. Dentre as tipificações, os ritos de passagem são os de maior importância, pois tendem a deslocar o homem de uma condição à outra (HOCK, 2010).

Independentemente do sentido atribuído pelo homem primitivo ou pelos mais recentes acontecimentos, sabe-se que os ritos ajudam a reduzir o sofrimento e a ansiedade, seja dos familiares ou grupo social ao qual o indivíduo está inserido. Os rituais funerários, por exemplo, têm uma função na elaboração do luto; quando bem representados, são facilitadores na compreensão e aceitação da perda. Quando os ritos não são vivenciados, ocultados ou abreviados, pode haver uma dificuldade na reorganização da vida do indivíduo após a perda (ESCUDEIRO, 2020).

## O ENFRENTAMENTO DAS PERDAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA

A morte acabou se tornando matéria de interdito, uma vez que os tempos atuais têm contribuído para que o homem se recolha no seu sofrimento diante de uma perda. Desse modo, optando pela solidão e na busca de eliminar a dor e sofrimento, reconfiguram as experiências, buscando novas formas de manifestar a dor da perda. Hoje, muito em alta, as redes sociais tornaram-se um refúgio no qual o indivíduo encontra apoio e acolhimento dos amigos, manifestando sua dor e sendo confortado por meio de mensagens de préstimos, o que se efetiva como o mais próximo que chegam de uma interação (BOUSSO *et al.*, 2014).

Mas, toda essa forma reinventada e corroborada por uma sociedade cada vez mais egoísta, fútil e desconectada das relações, não muda a importância de uma sociabilização com aqueles que dividem a mesma angústia. Isso, por terem tido uma ligação pessoal com a pessoa que morreu. Sabe-se que, provavelmente, as amizades virtuais não se expandem para além das

redes sociais. Esse tipo de prática tem refletido a fragilidade humana em admitir sua finitude (OLIVEIRA-CRUZ, 2011).

Contudo, negar não impede que o fenômeno aconteça, mas, conseqüentemente, elimina algumas experiências relacionadas ao fato; por exemplo, negar o evento morte impede-nos de reconhecer a importância de algumas vivências, como a experiência dos ritos que podem ser facilitadores na elaboração das perdas, o que tem sido evidenciado na atualidade, com a Pandemia da Covid-19 (CREPALDI *et al.*, 2020).

Diante do impacto da perda de uma pessoa com a qual desenvolvemos um vínculo, a aceitação de tal realidade passa por um processo de readaptação de sentimentos, já que a falta física e emocional pode levar o sujeito a um período de desorganização; isso provoca dúvidas a respeito do fato de que, finalmente, a morte pode ter alcançado esse sujeito com base na perda da outra pessoa, que era objeto de seu apego. A dor lembra a perda, mas também nos ilude, causa confusão capaz de acender uma esperança de que tudo não passou de um engano, de maneira que o mal-entendido será desfeito, e a pessoa voltará ao convívio diário (ESCUDEIRO, 2020). Como não é possível fugirmos de tal realidade, os ritos e rituais são ferramentas importantes na elaboração e readaptação da nova vida, agora, sem a pessoa querida.

Esse contato com a morte ocasiona muito sofrimento, porque nos tira pessoas muito amadas, mas, conseqüentemente, vem nos lembrar de que todos somos finitos; essa lembrança nos faz questionar o que estamos fazendo com a vida e pensar sobre nossa própria morte.

Esse medo da morte acompanha o homem ao longo de toda história, porém, o homem defende-se por meio da negação, para conseguir lidar com a plena consciência de que um dia irá morrer. Ele não consegue manter essa possibilidade fora da mente e, dessa forma, ela se funde entre as fantasias, sonhos e pesadelos, não podendo ser negligenciada, pois, faz parte da vida de todos os homens, e significa a última chance de ser (YALOM, 2006 *apud* SIMAN; RAUCH, 2017).

Todo esse medo e a angústia que a morte ocasiona ao ser retratada em palavras pelo poeta, é tão suave quanto a poesia pode ser e tão pesada quanto as verdades que carrega.

A Morte não é algo que nos espera no fim.  
É companheira silenciosa que fala com voz

branda, sem querer nos aterrorizar, dizendo sempre a verdade e nos convidando à sabedoria de viver. A branda fala da Morte não nos aterroriza por nos falar da Morte. Ela nos aterroriza por nos falar da Vida. Na verdade, a Morte nunca fala sobre si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria Vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos, os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetrados. Embora a gente não saiba, a Morte fala com a voz do poeta. Porque é nele que as duas, a Vida e a Morte encontram-se reconciliadas, conversam uma com a outra, e desta conversa surge a Beleza... Ela nos convida a contemplar a nossa própria verdade. E o que ela nos diz é simplesmente isto: "Veja a vida. Não há tempo a perder. É preciso viver agora! Não se pode deixar o amor para depois..."(ALVES, 2010, np).

A morte vem nos confrontar sobre o que estamos fazendo com nossos relacionamentos e relações, como nosso tempo, projetos, experiências, dores e angústias, visto que não há tempo, e o momento em que nos encontramos mais do que nunca está mostrando ao mundo o quanto a vida é efêmera. Ao sermos privados das convivências, manifestações de carinhos, abraços, encontros e despedidas, percebemos a falta que isso nos faz e o quanto causa dor, sofrimento e angústia. Assim, se mantivéssemos uma consciência de nossa finitude, fenômeno natural, e não relegássemos tal entendimento para as despedidas fúnebres, evitaríamos muita angústia. Ao negar a ideia da morte, sofre-se em silêncio, o qual transforma o sofrimento pelo real em desespero pelo utópico (SILVA, 2016).

As significações, reflexões, processos e ritos referentes ao fim da vida modificam-se de acordo com cada cultura, sociedade e com a forma como acontece o falecimento. Sendo assim, os diferentes grupos da sociedade definem, conforme suas crenças, os códigos que irão reger os ritos de despedida de seus familiares, variando desde homenagens a enterros ou cremações (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ], 2020a).

O luto, na atualidade, pode ser visto como uma maneira natural referente a um vínculo que foi rompido; em outras palavras, refere-se a quando deixamos de ter algo ou alguém presente em nossa vida. Na atual Pandemia da COVID-19, que, no mês de dezembro de 2019, passou a dar sinais,

evidenciando os primeiros infectados, rapidamente, aconteceu de se disseminar para o resto do mundo; surgiram enormes números de contaminados, curados e, conseqüentemente, óbitos em larga escala. Em decorrência dessas vivências, nesse período, a sociedade sofreu diversas e intensas transformações, pois a morte tornou-se frequente e parte do dia a dia de todos. Mortes sem aviso prévio e antecipadas tornaram-se fatores dificultadores da elaboração do luto, e, em muitos casos, acabaram desencadeando doenças psicológicas em pessoas afetadas pela perda de um ente querido. Dessa forma, nesse período de Pandemia, foi possível observar atravessamentos no processo do luto, com fatores que podem intensificar o sofrimento psíquico dos indivíduos (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ], 2020a).

Quando alguns facilitadores do luto, como a prática de ritos e rituais de despedida, acabam sendo ocultados, negados ou não possam vir a acontecer, essa falta pode acarretar uma dificuldade na efetivação psíquica da morte. Isso porque a perda evoca sentimentos e emoções que se desorganizam diante de tal evento, necessitando de um processo para elaboração, na qual o sujeito irá passar pelo processo do luto que o ajudará a alcançar a aceitação e, assim, se reorganizar emocional e psicologicamente. Com a falta dos ritos, um facilitador do processo, o luto pode vir a se tornar complicado, ou seja, o enlutado não consegue elaborar a perda e o sofrimento, de maneira que a desorganização se mantém por período mais longo; isso impede que a pessoa se recomponha, volte aos seus projetos anteriores à morte e até mesmo elabore e execute novos projetos (CARDOSO *et al.*, 2020).

Diante dos óbitos em decorrência do Corona-vírus, algumas características desse contexto podem acabar influenciando o luto dos familiares. Com a grande quantidade de contaminados, os falecimentos tornaram-se mais presentes do que éramos acostumados a conviver e, em consequência disso, os rituais de despedida também foram modificados, para rituais com os quais as culturas não estavam acostumadas. Mais um ponto de implicação que surgiu com a Pandemia foi o isolamento social, o qual impossibilita os parentes de terem contato com o ente infectado hospitalizado, nem realizarem os rituais fúnebres. Sendo assim, nesse momento vivenciado, a ocorrência do luto mal elaborado, ou até mesmo não elaborado, pode ser potencializada, pois, quando a morte ocorre de maneira mais profunda



e prolongada do que o esperado, muitas pessoas não conseguem processar a perda e compreender a partida, sendo incapazes de gerar uma noção de realidade concreta sobre o acontecimento, o que pode acarretar impactos para a saúde mental, além de dores ainda mais intensas (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ], 2020a).

Para diminuir o risco de contaminação, foram implantados por todo o mundo cuidados a serem tomados pela população e entre eles estão os cuidados relacionados aos corpos de pessoas que acabaram vindo a óbito, sendo proibida a realização de rituais fúnebres em algumas localidades e em outras permitidas, porém com a capacidade de presentes nos velórios e sepultamentos reduzida. Entende-se que os ritos são muito importantes para a elaboração do luto e a negação da realização desses processos pode despertar emoções intensas, como raiva, choque, espanto e tristeza que se conectam à vivência do luto comunitário, podendo estimular a complicação do luto e a volta da vida cotidiana. Portanto, o desenvolvimento de momentos que tornam possível a elaboração de ritos, passam a ser necessários para criar uma significação diante o acontecido (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ], 2020a).

Portanto, mediante a alta taxa de transmissibilidade do novo vírus e a crise sanitária que o mundo enfrenta, a presença de rituais de despedida do corpo teve que ser durante a pandemia. Dessa forma, a ausência de rituais de despedida do corpo físico, aliada às mortes bruscas e inesperadas de entes queridos podem vir a dificultar a concretização psíquica da perda, gerando, assim, barreiras com as quais o enlutado precisa lidar.

À vista disso, essas barreiras, quando muito acentuadas, podem favorecer o chamado luto complicado, que se caracteriza por uma desorganização prolongada, a qual acaba dificultando ou impedindo a reorganização psíquica, bem como a retomada de atividades existentes predecessoras à perda (FRANCO; BRAZ, 2017 *apud* FRANCO, 2010).

Em um contexto pandêmico, há uma série de elementos que podem vir a dificultar a elaboração do luto, pois, em situações de perda, toda e qualquer rede de apoio e ações podem contribuir para suavizar os sentimentos de angústia

e sofrimento. Se a situação de calamidade obriga a supressão de ritos, os doentes não podem ter contato com seus familiares, as mortes ocorrem subitamente e, em muitos casos, simultaneamente, o que torna ainda mais evidente a importância dos estabelecimentos de vínculos familiares e sociais, bem como o constante exercício de ser empático perante situações adversas e a dor do outro (CARDOSO, 2020).

Assim, a Psicologia tem um papel deveras importante diante do exposto. Como profissionais da escuta e do acolhimento, o psicólogo tem um papel fundamental no processo de redefinição da vida após a perda. O profissional pode ajudar o enlutado a reconhecer que a morte é um fenômeno intrínseco ao viver, contribuindo para as reflexões, o que propicia consciência da morte como um fato, validando seu sofrimento, além de acolher as fases do luto e as dificuldades que ele encontra na sua elaboração; isso a partir de uma escuta profissional e receptiva que irá favorecer a designação de novos sentidos ao seu viver, atribuindo um lugar agora ressignificado à pessoa ausente (LEAL *et al.*, 2019).

Segundo Lisbôa e Crepaldi (2003), dentro do atendimento psicológico, é importante orientar os familiares para os efeitos positivos dos rituais de passagem para a elaboração do luto.

Os efeitos da orientação psicológica para a realização do ritual de despedida apareceram como um fator relevante com relação ao melhor enfrentamento da morte. Pode-se perceber que o atendimento psicológico aos familiares na iminência da morte de um parente, e a orientação para a realização do ritual de despedida, é muito importante. [...] Os familiares também destacaram a importância das orientações para o ritual, principalmente sobre agradecimentos, e a sugestão de trazer outros familiares para se despedirem. Num momento em que a família está envolvida em sentimentos tão fortes e confusos, é crucial ter um profissional que a oriente e a lembre dessas questões, ao mesmo tempo em que dá o apoio emocional necessário para fortalecer os familiares, num momento que mobiliza tantos sentimentos (LISBÔA E CREPALDI, 2003, p. 103).

A perda, seja ela real ou simbólica, irá gerar sofrimento. Sendo assim, a morte do outro, aquele que me diz quem eu sou, causa violenta

desestrutura emocional e psíquica.

A vivência da perda de um ente querido costuma ser uma experiência de profundo sofrimento psíquico em que o sobrevivente perde mais do que o “outro”, perde também possibilidades próprias de existir no mundo, podendo experienciar, assim, o esvaziamento de sentido de sua existência (FREITAS, 2018, p. 520).

Diante da atual situação, as perdas tornaram-se mais intensas e significativas, não bastando o sofrimento pela ausência definitiva do outro; foi preciso inventar formas de nos despedirmos daqueles que morreram, aprender a lidar com os novos protocolos de saúde e segurança, aceitar a impossibilidade de vivenciar nossa rotina pré-estabelecida, entender a necessidade do isolamento social, conviver com o medo diante da morte anunciada. Mas, tudo isso tem afetado e adoecido as pessoas, individual e coletivamente.

Em meio a esse momento de luto, vivenciado por sentimentos pesados e embaraçados pelo qual a família passa, destaca-se a importância de um profissional que conduza os enlutados e ofereça apoio a fim de ajudá-los a passar por esse período (BOWEN, 1998 *apud* ESCUDEIRO, 2019). Isso porque os impactos ocasionados por uma morte repentina podem ser muito dolorosos, os quais tendem a incapacitar os familiares de terem uma aceitação saudável e reorganizarem suas rotinas; esses são alguns dos motivos que os levam a buscar ajuda profissional dos psicoterapeutas (LEAL *et al.*, 2019).

É indiscutível a relevância emocional e estruturante que os ritos carregam na sistematização de sociedades e culturas distintas, as quais a Psicologia reconhece e respeita a importância. Sendo assim, pode-se considerar que os rituais fúnebres auxiliam a maturação psicológica da perda, uma vez que corroboram para que os indivíduos confrontem e expressem, no âmbito social, seus sentimentos pela morte, facilitando seu processo de luto (CARDOSO *et al.*, 2020).

Mediante da alta taxa de transmissibilidade do novo vírus e a crise sanitária que o mundo enfrenta, a presença de rituais de despedida do corpo teve que ser suspensa durante a pandemia. Dessa forma, a ausência de rituais de despedida do corpo físico aliado às mortes bruscas e inesperadas de entes queridos pode vir a dificultar a concretização psíquica da perda, gerando, assim,

barreiras para o enlutado lidar com tal realidade (CARDOSO *et al.*, 2020).

Frente a essa realidade, é preciso refletir sobre ideias que possam colaborar para que as famílias consigam conviver com as perdas ocasionadas pela COVID-19, pois os ritos de passagem são de extrema importância para a elaboração do luto e, nesse momento, necessitam de ressignificação (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [FIOCRUZ], 2020a).

O psicoterapeuta tem a função de acolher o enlutado a partir de uma escuta ativa, a fim de perceber os conflitos enfrentados diante da morte e da ausência de despedida. Ajuda a entrar em contato com seus sentimentos e elaborar a ausência. Respeita o tempo e a forma como cada um lida com as perdas. Oferece apoio nos momentos difíceis, essencialmente no primeiro ano, o qual é o período mais crítico. Diante do processo psicoterapêutico, o profissional pode colaborar para a ampliação de consciência e autoconhecimento do enlutado sobre como age, não somente diante de perdas, mas em qualquer situação limite. E, ainda, proporciona identificar sinais de vivência saudável do processo do luto ou se esse se encaminha para um luto complicado, podendo, assim, fazer as intervenções pertinentes ou até mesmo encaminhamentos para outras especialidades (RAMOS, 2016).

Uma alternativa é a psicoterapia de grupo, em que é possibilitado, ao familiar enlutado, expressar-se sem julgamentos, pois compreende-se que a morte é parte da vida, porém, alguns indivíduos possuem dificuldades para admiti-la. Portanto, na psicoterapia, é possível aprender a conviver com o luto por meio do compartilhamento de vivências, do apoio ofertado pelos profissionais e demais participantes que também vivenciam esse processo (SOUZA *et al.*, 2009 *apud* LEAL *et al.*, 2019).

Diante do exposto, sabe-se que as consequências referentes à saúde mental das pessoas que estão vivenciando a Pandemia da Covid-19 ainda são um tanto que indefinidas, mas, olhando para a história e tendo como referência outros momentos iguais ao que vivemos, temos indicativos de efeitos danosos que devem ser considerados. A verdade é que, não há como qualificar ou quantificar os prejuízos, mas, tendo em vista que o ser humano sofre e se angustia diante das perdas, necessita de facilitadores para se reorganizar; é um ser social, de maneira que a Pandemia veio e nos arrancou vidas, nos privou da

convivência social, provocou mudança na rotina, impôs medo e insegurança; tudo isso causou e causa muito estresse, ansiedade e depressão. Por conseguinte, as consequências irão aparecer e os profissionais da saúde mental precisam estar prontos para intervir diante de tal necessidade (SOUZA, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que a morte e o morrer fazem parte da vida, e que ela não precisa ser entendida como um fim, mas como uma etapa de nossa existência, seria necessário evocar tranquilidade ao lidarmos com tal fenômeno. Porém, como nos apresenta a antropologia, a morte sempre gerou angústia e, por isso, fez com que o homem buscasse meios de amenizar o sofrimento diante da certeza de sua finitude. Os mitos criados, os símbolos representados e os ritos vivenciados foram algumas das formas encontradas para responder a questionamentos existenciais. Ao longo da história, o homem foi se reconfigurando mediante a época, a cultura, a religião, contexto social, assim, manifestando a problemática referente à sua essência de acordo com o meio no qual está inserido.

Na contemporaneidade, percebe-se uma desconexão com essas raízes antropológicas. A sociedade insiste na cultura egocêntrica de viver, exaltando uma necessidade de felicidade e bem-estar constantes, que somente pode ser alcançada por meio de bens materiais, quando o ter supera o Ser. Essas vivências afastam as pessoas do seu Eu verdadeiro, que só se reconhece enquanto homem a partir do outro, que é a minha maior certeza de quem eu sou e de quem eu possa vir-a-ser.

A morte e tudo que a envolve ocasiona sofrimento, angústia e faz parte da constituição humana, não podendo ser ignorada, ainda mais quando vem para chacoalhar esse modo de pensar e viver, mostrando o quanto estamos todos caminhando para o mesmo fim e o quanto negar toda essa verdade causa tormento e desespero. É diante da perda que compreendemos a finitude da vida e são as relações, a partir dos vínculos que nos conectam, que proporciona a possibilidade de saber quem somos e para onde caminhamos.

O contexto da Pandemia da Covid-19 acabou mostrando de forma abrupta como a morte faz parte da vida, apesar de que, dificilmente,

estamos preparados para uma perda; assim a maneira como ela nos atingiu, de caráter violento e inesperado, causou consternação, atando-nos diante das milhões de mortes, obrigando ao isolamento confundindo com uma prodigalidade de informações (e desinformações), impedidos de encontros e de despedidas, o que provocou medo e desespero. À luz do exposto, contempla-se a necessidade e a relevância de discussões sobre a morte e o morrer a fim de ampliar a consciência acerca do luto, visando a uma maior compreensão e, por conseguinte, tendo em vista os ritos e rituais como facilitadores no processo de elaboração da perda.

Os ritos e rituais fúnebres, conforme a história da humanidade foram meios importantes na superação das perdas, sendo uma forma de dizer um último adeus, ato capaz de mitigar os sofrimentos, facilitar a aceitação e a readequação da vida sem a pessoa amada. Sabe-se da importância dos ritos, mas também se compreende que o momento impede tais práticas por questões de saúde e segurança. Entretanto, não vivenciar os ritos impede a externalização do sofrimento, o qual pode levar o enlutado a experimentar um luto complicado, podendo agravar sua saúde mental. Dessa forma, faz-se necessário criarmos formas de ressignificarmos nossas despedidas.

Enfim, ainda estamos vivenciando tempos difíceis e à deriva, convivendo mais com as dúvidas do que com as certezas. Como pontua Sartre, em sua obra *Ser e o Nada* (1943), em alguns momentos, podemos estar mais perto da morte, da mesma forma que, no momento seguinte, podemos não estar; tudo vai depender da situação e de que não temos controle sobre nada. Todavia, sabemos que tanto as certezas quanto as incertezas causam angústia e sofrimento e, nesse momento, vivenciamos isso de forma mais intensa e evidenciada. Por muito, relegamos discussões essenciais de nossa existência, como a efemeridade da vida; ignoramos a importância dos encontros e minimizamos as despedidas, mas um vírus surgiu de maneira violenta revelando as fragilidades humanas, políticas, culturais, religiosas, sociais que afetam de forma direta a saúde psíquica das pessoas. Revela um cenário complicado, vasto e complexo, no qual o profissional da saúde mental é convidado a adentrar.

Com todo o exposto, o presente artigo buscou discorrer sobre a importância de discutirmos sobre a morte e o morrer e temas

relacionados, principalmente, no contexto em que estamos vivendo, em que a história pode testemunhar sobre o sofrimento humano advindo de perdas em situações de Pandemias, indicando que os psicólogos precisam estar preparados para acolher as lutas que emergiram dos lutos causados pelas mortes, que são mais que estatísticas, e sim amores de muitos. Não é apenas isolamento, mas sim interdito de afetos; não são meramente ritos, porém despedidas tolhidas. Sabemos que não estamos sendo impedidos somente de nos despedir do outro, mas de quem eu-sou-com-outro. Assim sendo, o psicólogo tem um papel fundamental de ajudar a reorganizar e equilibrar uma sociedade colapsada, causada pela insipiência humana de não poder ser.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Planeta do Brasil Ltda, 2010. Sn/p. Disponível em: [file:///D:/Catequese/Downloads/Do\\_Universo\\_a\\_Jabuticaba\\_Rubem\\_Alves.pdf](file:///D:/Catequese/Downloads/Do_Universo_a_Jabuticaba_Rubem_Alves.pdf). Acesso em: 15 jun. 2021.
- BOUSSO, Regina Szyllit. *et al.* Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. **Rev Esc Enferm USP**. 2011. Disponível em: [http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/B\\_autores/BOUSSO\\_Regina\\_et\\_POLES\\_Katia\\_et\\_S ERAFIM\\_Tais\\_et MIRANDA\\_Mariana\\_tit\\_Crenças\\_religiosas\\_doença\\_e\\_morte\\_perspectiva\\_da\\_familia.pdf](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/B_autores/BOUSSO_Regina_et_POLES_Katia_et_S ERAFIM_Tais_et MIRANDA_Mariana_tit_Crenças_religiosas_doença_e_morte_perspectiva_da_familia.pdf). Acesso em: 16 jun. 2021.
- BRAZ, Mariana Sarkis; FRANCO, Helena Pereira. Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. **Revista: Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 37, n. 1, p. 90-105, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ksrv46KYyzK4xtYN4cp5Fk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira *et al.* **Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados**. Ver. Latino-Am. Enfermagem. 2020; 28: e 3361. 9 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de. **A angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre – sobre o que** a ciência não pode objetificar. *Revista: Ética e filosofia política*. Número XXIII – Volume I – junho de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia>. Acesso: 8 jun. 2021.
- CHAGAS, Juarez e Silva. **Representações da morte nos meios escolar e universitário natalenses. (Natal, Brasil)**. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2184/1/Juarez%20Chagas.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão psicossocial**. Estudos de Psicologia 2006, 11(2), 209-216. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfS Wjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- CREPALDI, M. A. *et al.* **Terminalidade, morte e luto na pandemia de Covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRm fcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- CROATTO, José S. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. [Tradução: Carlos Maria Vásquez Gutiérrez]. São Paulo: Paulinas, 2001. 521 p.
- FÄRBER, Sonia Sirtoli. **Parioikos e a provisoriade da vida: as mortes simbólicas**. Sonia Sirtoli Färber: Santa Maria. Edição do autor, 2016. 128 p.
- FRANCO, M. H. P. (2014). **Luto antecipatório em cuidados paliativos**. In M. H. P. Franco & K. K. Polido, Atendimento psicoterapêutico no luto (pp. 27-35). São Paulo, SP: Zagodoni.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ [Fiocruz], 2020a). **Saúde mental e atenção psicossocial na Pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. Rio de Janeiro. Social Science in Humanitarian Action Platform [SSHAP], 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Saude-Mental-e-Atencao-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 22

jul. 2021.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Luto, pathos e clínica**: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*, 2018. vol. 29 n. 1 p. 50-57. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160151>. Acesso em: 26 ago. 2021.

HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. **A arte de morrer**: Tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. 11. ed. [Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira]. Petrópolis: Vozes, 2012. 143 p.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da Religião**. [Tradução: Monika Ottermann]. São Paulo: Loyola, 2010. 268 p.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. [Tradução: Paulo Menezes]. Martins Fontes: São Paulo, 2008. 296 p.

LEAL, Luana *et al.* A importância da psicoterapia no processo do luto. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 8, n. 1, p. 1-7, 2019. Disponível em: <file:///D:/Catequese/Downloads/633-Texto%20do%20artigo-2111-3-10-20190606.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.

LEAKEY, Riviére. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. [Tradução: Therezinha Monteiro Deutsch]. Barueri: Manole, 2005. 197 p.

LISBÔA, Marcia Lucrecia; CREPALDI, Maria Aparecida. Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado. **Paidéia**, 13 (25) Jun 2003, p. 97-109. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2003000200009>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 77 p.

MIRCEA, Eliade. **História das crenças e das ideias religiosas - I**: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. [Tradução: Roberto Cortes de Lacerda]. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 437 p.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de. **Expressões virtuais da dor**: notas sobre as

manifestações de luto na internet. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 176-191, janeiro/junho 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/index>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PESSOA, Fernando. **Obra poética III**. Odes de Ricardo Reis. Porto Alegre: L&PM, 2006. (Coleção L&PM Pocket, v.516), 181 p.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de luto**. Portal do Psicólogo, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 25 Set. 2021.

SARTORI, Marisa Ivete Soster. Os rituais fúnebres e sua relevância para a superação do luto. *IN: ESCUDEIRO, Aroldo (Org.). Mortos sem flores*: Ausência dos rituais de despedida. Blumenau: 3 de maio, 2020. p. 40-52.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1943. 446 p.

SCHEIBLER, Daiane Fontanari. **Perda**: a dor da presença ausente. *IN: ESCUDEIRO, Aroldo (Org.). Fragilidade Humana*. Blumenau: 3 de maio, 2020. p. 48-59.

SILVA, Marcos da Silva e. **O sofrimento silencioso**: solidão interior incomunicável. **Revista Ítaca** n. 30, 2016. 11 p. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/10151/7694>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SIMAN, Adriana; RAUCH, Carina Siemieniaco. A finitude humana: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017. Disponível em: <https://iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>. Acesso em: 1 jul. 2021.

WERLE, Marco Aurélio. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger**. *Artigos Originais Trans/Form/Ação* 26 (1) 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000100004>. Acesso em: 6 de jul. 2021.

## DUELO NO ELABORADO EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA

**ABSTRACTO**: Actualmente, la muerte y el morir son temas que se han convertido en tabú, pero sabiendo que este fenómeno no es una experiencia opcional,

todo lo que evoca y trae consigo tampoco lo es, por lo que las discusiones cobran relevancia para una mejor comprensión de los sentimientos que despiertan en el frente a las pérdidas. La pandemia del COVID-19 que ha estado barriendo el mundo terminó mostrando el fenómeno de la finitud, impidiéndonos negarlo o reflexionar sobre él. La discusión sobre la importancia de la educación para la muerte y cómo los ritos y rituales son importantes para el proceso de pérdida y ayudar en la reorganización de la vida después del partido puede ayudar a ampliar los métodos para una mejor atención clínica cuando los afectados vienen a buscar ayuda. Para obtener los datos, optamos por utilizar la investigación bibliográfica en libros, artículos, revistas científicas que abordan los temas de la muerte, el morir, el duelo y sus facilitadores dentro del pensamiento de la Psicología Existencial y su importancia para ayudar a una organización psíquica y emocional en el rostro de una pérdida y en la dificultad de su elaboración. Saber que la ausencia de un ser querido trae consigo un trastorno que hace que el individuo que lo padeció entre en profunda angustia, tristeza y sufrimiento, pasando por un proceso de aflicción, hasta lograr reestructurar su vida sin la persona que le importa. Pero cuando el duelo es complicado, es decir, se encuentra con algunas dificultades, como no vivir los ritos, lo que puede derivar en un diagnóstico patológico. Así, la Psicología tiene un papel fundamental, junto a las personas que sufren, en la labor de recomposición y superación de las pérdidas.

**PALABRAS CLAVE:** Psicología existencial; Dolor; Ritos; Pandemia.